

Cobertura das eleições brasileiras pela imprensa espanhola: Lula põe a esquerda na pauta*

*Christa Berger** e Luiz Gonzaga Motta****

Introdução: mídia e política

Acompanhar a cobertura das eleições brasileiras pela imprensa espanhola, ocupar-se do olhar externo sobre o Brasil, propiciou realizar este exercício de reflexão sobre as relações entre mídia e política – questão sempre pertinente para os estudos de jornalismo – e, ao mesmo tempo, localizar alguns indícios sobre o lugar que o Brasil ocupa no cenário internacional.

O significativo espaço ocupado na mídia espanhola durante a campanha eleitoral brasileira – páginas diárias de informação ilustradas com amplas fotos; longos minutos de entrada ao vivo nos principais informativos de televisão; opinião nos editoriais e comentários de especialistas –, à primeira vista poderia levar a concluir que a reivindicação dos anos 70 expressa no relatório McBride, enfim foi conquistada. Um país da América Latina, em “vias de desenvolvimento” recebe uma cobertura dos jornais europeus, em quantidade e qualidade de informação equivalente à que a eleição alemã recebeu um mês antes. Tampouco as agências norte-americanas foram as fontes hegemônicas da informação veiculada, o que motivou tantas críticas e contestações no passado. Os principais jornais e emissoras de televisão mandaram enviados especiais e contrataram comentários de especialistas.

Mudou a imprensa internacional, que agora dá igual visibilidade a todos os países e propõe uma visão de mundo menos estereotipada, na intenção de produzir informação mais elaborada e precisa, respeitando o

* Este trabalho foi produzido durante período de bolsa de pós-doutoramento da profa. Christa Berger (CAPES) e do prof. Luiz Gonzaga Motta (CNPq) em Barcelona, Espanha. Submetido e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial de *C&p* em fevereiro de 2003.

** Doutora em Comunicação, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

***Doutor em Comunicação, jornalista, professor da Universidade de Brasília, do Colégio Editorial de *C&p*.

perfil de seus leitores? Mudou o Brasil que ingressa no rol dos países que detêm *status* de pleitear ser notícia internacional? É sintoma do mundo globalizado que redesenhou a lógica imperialista e destinou ao Brasil contemporâneo este lugar de visibilidade?

Acompanhamos para fins deste estudo, três jornais de referência na Espanha, *El País*, *La Vanguardia*, e *ABC*¹ de quinta-feira, 3 de outubro, dia que antecedeu a eleição do primeiro turno, até o dia 8, terça-feira, após a divulgação oficial do resultado, voltando ao mesmo período para a votação do segundo turno - de 24 a 29 de outubro.

Primeira conclusão: a diferença quantitativa da cobertura de um e outro período é significativa. O primeiro turno é mais notícia do que o segundo. Buscamos identificar em um e outro período quais os fatos selecionados para ser notícia e quais e com que outros acontecimentos a eleição brasileira disputou nos critérios de noticiabilidade. O que foi enfatizado e como a eleição foi tematizada nos três jornais é do que nos ocupamos a seguir, considerando em primeiro plano, o contexto político internacional, no qual esta eleição se insere.

Ambiente jornalístico: presença da crise mundial

A recessão econômica que se alastra pelo mundo capitalista desde os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, foi notícia regular nos jornais da Europa durante todo segundo semestre de 2002. Vale lembrar que o atentado em Nova Iorque completava o seu primeiro aniversário no segundo semestre de 2002, provocando notícias diretas ou indiretas sobre suas conseqüências negativas para a economia mundial, contaminando todo o noticiário do período com um tom pessimista. Todos os jornais espanhóis estavam plenos de notícias econômicas negativas, revelando um clima de medo frente ao que pudesse vir a se passar com a economia mundial. Inúmeras matérias nos cadernos especializados e no noticiário geral anunciavam profecias catastróficas e um esfriamento econômico global: os avanços do livre mercado e da cooperação econômica estavam em baixa, havia uma atmosfera cética que contaminava as

¹ Os jornais *ABC* e *El País* são publicados em Madri e o *La Vanguardia* em Barcelona. Os três têm circulação e influencia nacional, embora em graus diferentes e a partir de posições políticas diferenciadas.

transações mundiais. Em conseqüência, revelavam as notícias, as relações fronteiriças passaram a ser menos cordiais que antes, aumentavam os preços de seguros gerais e de medidas de segurança e multiplicavam-se os efeitos protecionistas e nacionalistas. Em síntese, exalava dos noticiários sinais de precaução e de recolhimento econômico.

Vale lembrar que uma crise nos Estados Unidos refletiu-se imediatamente no mundo inteiro pela importância deste país na geração da riqueza mundial. A economia norte-americana foi responsável por 40% do crescimento econômico mundial desde 1995 e o seu PIB representa 21% do total mundial. Além dos efeitos diretos do 11 de setembro (retração de mercado e de consumo, crise das empresas aéreas, etc.) a economia norte-americana sofreu impactos significativos com os escândalos econômicos de empresas gigantes como a Enron e a Worldcom e com o colapso financeiro de inúmeras empresas pontocom. Os resultados da crise norte-americana durante o ano de 2002 são desastrosos para a economia mundial: as transações internacionais caíram 51% nos últimos meses de 2001 e primeiros meses de 2002, o maior declive em três décadas. O reflexo mais visível desta crise conjuntural do capitalismo mundial são as freqüentes notícias negativas sobre a queda nas bolsas de todos os países, que contribuíam para criar um clima geral de pessimismo. Some-se a isto uma atmosfera de prevenção e medo que perpassa os noticiários sobre a iminência de uma guerra no Iraque e, obviamente, sobre as decepções com a situação argentina. Agregadas as causas econômicas aos fatores políticos, a conseqüência é um noticiário constante sobre o isolamento e retração das nações, sobre controles maiores dos fluxos migratórios (na Europa e nos Estados Unidos), sobre o desemprego, perda de poder aquisitivo dos salários, etc.

Na Europa, durante o ano de 2002, parece não ter havido exatamente recessão, mas uma estagnação econômica. O noticiário no segundo semestre de 2002 mostra, por exemplo, que Alemanha e França, dois países locomotivas que puxam as outras economias, tiveram um crescimento do PIB em torno de 1%. O pior, entretanto, é que os economistas e autoridades públicas pareciam não saber exatamente o que fazer e as indecisões das autoridades ganharam espaço na mídia. Depois das reuniões de cúpula da União Européia de Barcelona em março de 2002, abundaram na imprensa declarações conservadoras de autoridades sobre a necessidade de tornar as economias nacionais mais competitivas, o que significava arrocho salarial, liberalização da legislação laboral e mais desemprego. Mas, não havia consenso (França e Alemanha se opuseram à

liberalização do mercado de energia, por exemplo), nem os economistas sabiam exatamente o que fazer. Na Espanha, as notícias revelavam que o PIB continuava caindo desde o primeiro semestre de 2001 (3.7%) e chegando a apenas 1.8% no terceiro trimestre de 2002, aquém de todas as previsões anteriores. Este desaquecimento econômico vinha acompanhado de uma desaceleração do consumo e de uma queda contínua da bolsa. É neste clima de pessimismo e recessão que a imprensa espanhola cobre as eleições brasileiras.

As notícias sobre o Brasil, durante o primeiro semestre, e que de certa maneira preparavam os leitores para compreender o processo eleitoral, enfatizavam igualmente o clima de crise. Semanalmente os jornais e noticiários da televisão espanhola veiculavam com ênfase informações sobre a queda na bolsa brasileira e a desvalorização contínua do real e insistiam em comparar o que estava se passando no Brasil com a crise argentina. Atendo-se quase que exclusivamente à queda na bolsa e sem considerar outros fatores, os jornais e telejornais teimavam em prenunciar uma crise na economia brasileira. Além disso, mostravam as dificuldades do Brasil em enfrentar o acirramento competitivo dos mercados internacionais. Por exemplo, em agosto, o jornal *El País* noticia a demanda do Brasil na Organização Mundial do Comércio contra os subsídios aos plantadores de algodão nos Estados Unidos e contra as restrições à importação de açúcar na União Européia, que para as autoridades brasileiras impediam aos agricultores nacionais de ganharem o mercado, deixando em desvantagem os produtores terceiro-mundistas. A culpa, segundo as autoridades brasileiras, recaía sobre quatro grandes cartéis internacionais que fixam os índices de taxaço. Segundo estas autoridades, os organismos internacionais não tomaram nenhuma providência em relação ao problema, que poderia levar à miséria milhões de pessoas no Terceiro Mundo. No sub-lide desta matéria, o jornal revelava que os produtores brasileiros haviam se reunido com o candidato Luís Inácio Lula da Silva, virtual presidente eleito. Antes, no dia 22 de setembro, *El País* havia dado matéria, também de página inteira, no seu prestigioso caderno de economia de domingo, com foto de Lula, e o título "Brasil, en la Cuerda Floja". Assinada pelo correspondente, tratava dos indicadores negativos do país, especialmente da alta do dólar e da queda da bolsa, e advertia sobre o 'alto risco' da suspensão dos pagamentos das dívidas. A *incerteza*, palavra mencionada várias vezes nesta notícia, deixava espaço para leituras pessimistas sobre o que estava ocorrendo no país. Do noticiário geral exalava um sentimento de desastre econômico iminente.

Este noticiário pessimista repassava ao leitor, ainda que isto não estivesse explicitamente dito nos textos e títulos, que a responsabilidade da crise brasileira era dos brasileiros e nada tinha a ver com os números da economia mundial nem com os protecionismos impostas por países desenvolvidos. Ficava evidente na cobertura jornalística uma sensação de que a crise brasileira nada tinha a ver com as desiguais relações internacionais, nem com os privilégios e proteccionismos no encarniçado comércio internacional de mercadorias. Em 2002 não apareceram nos noticiários matérias que tratassem das relações econômicas internacionais tomando como critério as regras desiguais e as barreiras protecionistas impostas aos produtos provenientes dos países pobres. Essa ênfase em uma crise, que os jornais insistiam ser responsabilidade unicamente brasileira, já vinha sendo assunto da imprensa internacional há muitos meses. Elas chegaram a motivar uma matéria de página inteira escrita pelo economista Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de economia, na página de opinião de *El País* no dia 15 de agosto de 2002. Este autor chamava a atenção para a depreciação sistemática que o mercado, através da imprensa, fazia do Brasil. Mostrando números que indicavam a pujança econômica, ele parecia ter razão ao dizer que poderia acontecer na economia algo que ocorreu no futebol: apesar da torcida contra da imprensa brasileira, o Brasil ganhou a Copa do Mundo. Muitos meses antes das eleições, portanto, já emanava das matérias publicadas na imprensa internacional em geral, e na espanhola em particular, um certo ceticismo com o que poderia vir a ocorrer após as eleições brasileiras.

É no contexto deste jogo de interesses e de enfrentamentos, do qual a imprensa participa voluntária ou involuntariamente, que os jornais espanhóis cobrem as eleições no Brasil. Não é de estranhar, portanto, que o evento tenha tido ampla cobertura, tenha sido manchete de capa de várias edições, ocupado inúmeras páginas, editoriais, colunas e comentários. O volume da cobertura e os dados publicados deixaram a impressão de que o Brasil já não era apenas um país de ‘mulheres peladas’, futebol e samba e que a nossa economia, mesmo com os conhecidos problemas, tinha hoje uma importância significativa no cenário das relações comerciais internacionais. De fato, parece que o país estava consolidando uma imagem de potência econômica emergente, embora na realidade a farta cobertura jornalística das eleições tivesse também outras razões, como apontamos acima.

Primeiro turno: Lula, a notícia

No jornal *El País* a cobertura das eleições propriamente começou no dia 1º de outubro quando o jornal publica notícia acompanhada de foto de Lula discursando. No dia 3, o tema ganhava chamada de primeira página e não saía mais do noticiário, permanecendo com destaque por dez dias. Nos dias que antecederam o primeiro turno este jornal publicou muitas reportagens e comentários e a folgada vitória prevista com antecipação, pelas pesquisas, transformou Lula na personagem principal do noticiário: o seu nome e suas fotos estavam em todas as manchetes e chamadas deste jornal. Só bem antes das eleições, no dia 16 de julho, o jornal *El País* publicaria uma notícia que falava dos quatro candidatos com o título “Cuatro Proyectos para el Brasil del Siglo XXI”, onde destacava as alianças exóticas tecidas pelos candidatos, as diferenças entre os programas e o sobe-desce nas pesquisas (naquele momento, Ciro Gomes crescia). A partir de então, escaceiam-se as notícias, que só voltam com força nas vésperas do primeiro turno. Mas aí, o foco estava na pessoa de Lula e os outros candidatos praticamente não apareciam mais no noticiário. Passadas as eleições, a imprensa espanhola só pôde anunciar a vitória no dia 9 por causa do fuso horário. Lula, obviamente continuava nas manchetes, mas decaiu a atenção, a eleição parece ter sido dada como resolvida, o fato jornalístico perdia interesse. Neste dia, mesmo anunciando o resultado final, a matéria vai para as páginas internas, perde espaço.

La Vanguardia publicou no primeiro período analisado reportagem com foto de Lula todos os dias, com chamada na capa em três deles; entrevista de página inteira com Leonardo Boff e sua foto; mais artigos assinados por Joao Pedro Stédile (El Imperio del Norte), Emir Sader (És Brasil un País de Riesgo?) e Lluís Foix (Brasil como síntoma). Os textos se distribuíram pelo jornal, pois além de ocupar o espaço nobre das páginas de política internacional, mereceu dois editoriais (Mi nombre es Lula, e Esperando a Lula), foi matéria do caderno de economia (Aires nuevos en el gran Brasil), assunto da revista de domingo, com foto na capa de Lula cumprimentado por um índio (La fórmula Lula) e a repercussão na imprensa internacional, na sessão Revista de Prensa, trazendo comentário do jornal *The Times* (Brasil importa), *The Economist* (Lula, una saludable alternancia en Brasil), além do *Jornal do Comércio* (A Lula, con Lupa) e *O Globo* (Três semanas más), ambos do Rio de Janeiro.

O jornal *ABC* também trouxe a eleição brasileira todos os dias da amostra, inclusive com chamada de capa em todas as edições, com uma

pequena foto de Lula na primeira página do jornal de sexta-feira. Além das grandes matérias diárias na editoria internacional, com títulos e fotos enormes, a eleição mereceu dois editoriais: *La Nueva Hora de Brasil e Lula se Acerca*, além de artigos de opinião assinados por comentaristas conhecidos: *No es miedo, es precaución*, de José Antonio Navas (quinta-feira), *Que les vaya bonito*, de Ramón Pérez-Maura (sexta-feira), *Brasil desde España*, de Fernando Lafuente (sábado) e *La larga marcha brasileña*, também de Lafuente na terça-feira.

Aumentando a visibilidade: Lula, primeira página

No dia 3 de outubro, Lula ganha as primeiras páginas de *El País*, como mostramos acima. Além da chamada de primeira página, há uma notícia ocupando a página 6 inteira sobre a visita do candidato a São Bernardo, com foto de Lula vestindo capa de chuva branca, ao lado de Marta Suplicy. O tom da reportagem é a recordação da origem sindicalista de Lula. Um box comentava a ocupação do Rio de Janeiro pelo narcotráfico. Nesta matéria, o tema da ocupação do Rio mistura-se com o tema da campanha política e a denúncia do PT da trama para “semear o caos”. No dia 4 de outubro, *El País* publica nova matéria de página inteira, em que a ênfase é posta nas relações que o jornal antecipa como difíceis entre o Brasil e os Estados Unidos, caso o candidato do PT vencesse as eleições. O ponto de maior fricção, segundo o jornal, é a ALCA. Na matéria, Lula afrontava George Bush afirmando “de cada dez palavras do presidente norte-americano nove eram para declarar uma guerra” e descartava participar da ALCA nos termos propostos pelos Estados Unidos. Mas, Antonio Palocci amenizava o tom, anunciando que o governo petista encararia com tranquilidade as negociações sobre a zona de livre comércio americana. Até aqui, o noticiário parecia sondar a personalidade e as alianças de Lula, procurando identificar para si próprio e para seus leitores quem era exatamente este líder esquerdista que chegava ao poder de uma nação tão importante para os interesses econômicos espanhóis.

No dia 6 de outubro, Lula, a grande notícia das eleições, estava de novo na primeira página de todos os jornais. *El País* publica matéria do enviado especial na página 3, com foto de Lula. Mas, o destaque agora é para a posição moderada do candidato em relação aos radicalismos anteriores do PT, segundo o jornal. No subtítulo, o jornal informa que o sindicalista que dirigiu greves contra a ditadura termina nas urnas sua

longa marcha rumo ao centro político. Segundo o texto, a nova imagem de Lula, ainda que com opiniões diferentes, é a da transformação de um antigo operário metalúrgico em um candidato de terno e gravata, que transmite a imagem da moderação até o ponto em que empresários, antigos adversários, agora o aplaudem. Parece que, frente à inevitável vitória de um político esquerdista, o jornal começava a adotar uma linha em que realça as qualidades moderadas de Lula para transformá-lo em um líder palatável.

A partir do dia 7 de outubro, consolidada a vitória eleitoral, aumenta mais ainda a atenção com Lula. Durante dois dias seguidos, ele é a principal notícia da capa do *El País*: manchete no dia 7 e destaque no dia 8, com foto principal de primeira página. O antigo líder operário parece agora definitivamente transformado em um político importante. No dia 7, como não poderia deixar de ser, a manchete da primeira página diz que Lula “roçou” a maioria absoluta. No lide, o jornal insiste em chamar o Brasil de “gigante” da América Latina. A matéria, cheia de números e infográficos das eleições, estendia-se ainda pela segunda página inteira. A foto a cores do dia 8 é primorosa, com Lula sorrindo, simpático, barba e cabelos bem aparados, terno alinhado, pose de presidente. Na foto da página 8, Lula está sentado na cadeira do barbeiro. É interessante notar como os fatos vão se impondo à imagem que o jornal compelidamente passa a buscar. A mensagem parece ser a seguinte: já não há nada mais a fazer, senão aceitar e assimilar os novos fatos.

Vale ressaltar, finalmente, uma atitude bastante simpática por parte do jornal *El País* para com o presidente Fernando Henrique Cardoso. Em todas as matérias, as referências ao presidente que saía eram elogiosas. Os maiores elogios do jornal *El País* para com o ex-presidente são para a vitória contra a inflação e para o programa de privatizações. Sobre a inflação, diz o jornal em matéria ampla no dia 25 de outubro, véspera do segundo turno: “a derrota da hiperinflação permitiu uma melhora da disciplina fiscal e a configuração de uma federação mais equilibrada, um maior controle dos gastos estaduais e regras mais rígidas”. Na área social, há rasgados elogios à política de saúde pública, citando a campanha dos genéricos, a campanha antitabagismo e a luta contra a aids. Mas, há elogios a FHC em vários outros aspectos. A matéria termina com um parágrafo que não fica a dever a nenhum panfleto político: “Sob a presidência de Cardoso, o Brasil conquistou importantes espaços nos cenários de negociação internacionais. O gigante da América do Sul é um país considerado e respeitado na esfera mundial e sem dúvida, jogou um papel importante em vários conflitos.”

No jornal *La Vanguardia*, a cobertura do primeiro turno, realizada pelo enviado especial Joaquim Ibarz, situou o Brasil com informações geográficas, históricas e econômicas e foi, também, claramente enfocada em torno da figura de Lula. A eleição foi tematizada desde as consequências econômicas da vitória do PT e da repercussão política, principalmente na América Latina, da vitória de um projeto da “nova esquerda”. O resultado tão favorável à Lula nas pesquisas, para o jornal significava a busca nas urnas de “una fórmula mágica para reducir las desigualdades y dignificar la vida de 57 millones de pobres, más de la tercera parte de su población.” O jornal recheia a matéria com números. “El país tiene 27 millones de miserables, 30 millones de pobres, 60 millones de clase media baja, 50 millones de clase media y 2 millones de ricos... 20% de la población tiene un nivel de renta como Canadá y el 80% restante como Nigéria... El país logró un estatus internacional sin que eso influyera en la vida de los 52 millones de pobres que pueblan las favelas y el nordeste brasileño.”

Por isso, Lula e seu partido são apresentados como “una saludable alternancia”. O PT de Lula, “no es el tradicional partido latinoamericano de la izquierda, inspirado en Moscú, Pekín o La Habana. Es una alianza entre sindicatos y activistas de la comunidad, alimentados por católicos de la teología de la liberación e izquierdistas académicos. En lugar de la ideología marxista, el partido aboga por la democracia radical y la justicia social en un país de profundas desigualdades.” Um triunfo petista é mostrado em relação à história do Brasil “de mala suerte y corrupción” e com os demais modelos em vigor na América Latina. “Lula da Silva puede convertirse hoy en el primer presidente surgido de las filas de la antiglobalización.” Comparações e projeções perpassam a matéria. “Desde el triunfo de Salvador Allende en 1971, ningún líder de la izquierda latinoamericana llegaba al poder de forma democrática. La llegada de Lula al Palacio de Planalto tendría enorme repercusión. No sólo sería un voto de confianza a la vía democrática para la llegada de la izquierda al poder, sin necesidad de rebeliones armadas, revoluciones o golpes militares, sino que mostraría que, con perseverancia y organización, un dirigente salido de las capas populares más humildes puede derrotar a políticos con brillantes carreras.”

A vitória de Lula, “un presidente nítidamente izquierdista”, faria a América Latina rever suas opções políticas e as comparações com outras lideranças políticas, segue: “sin embargo, la izquierda latinoamericana tendrá que renunciar a muchos dogmas e intransigencias si quiere seguir

los pasos de Lula, un dirigente que no tiene nada que ver con la verborrea pseudorrevolucionaria de Hugo Chávez, ni con la corrupción y populismo de algunos líderes del PRD mexicano, ni mucho menos con el comunismo totalitario de Fidel Castro." A vitória do Partido dos Trabalhadores, conforme o jornal, daria uma nova orientação à política latino-americana, e é nisto que o jornal aposta. "Un triunfo petista también podría desencadenar serias repercusiones políticas en Sudamérica. Lula se ha atrevido a censurar públicamente a Hugo Chávez, ha renegado el modelo cubano e incluso ha aconsejado a las FARC colombianas que dejen las armas, y construyan una alternativa de justicia social por las vías políticas y democráticas. Tras el proceso abierto en 1971 por Salvador Allende en Chile y abortado por Pinochet dos años más tarde, no había habido otro movimiento de izquierda con tanta credibilidad como el de Lula."

Ganhar a eleição seria consequência do acerto das alianças, fundamentais, conforme o jornal. "El actual Lula pragmático tendrá que serlo aún más para aceptar una negociación legislativa. Si Lula gana el domingo, deberá realizar un amplio pacto político, que tendrá que comenzar con la incorporación a su gobierno de los socialdemócratas que habrá acabado de derrotar". También, por isto, o jornal apostava na vitória no primeiro turno. "El analista Ricardo Amaral considera que la alianza entre Lula y el PSDB podrá darse si no hay segunda vuelta. Por ahora los puentes no están rotos, en una segunda vuelta se podría terminar destruyendo los puentes entre los dos partidos."

O Brasil, para *La Vanguardia* é o gigante sul-americano, a nona potência econômica mundial, a única da região com capacidade de influir em seus vizinhos. "Brasil pasa por ser el país emergente con más oportunidades reales de devenir una economía del Primer Mundo". E isto porque, possui a "economía más diversificada y que cuenta con un superávit comercial, una agricultura de alta tecnología y partes del sector industrial altamente competitivas a escala internacional." Novamente, números comprovam a afirmação: "El campo brasileño despachará en el 2002 una cosecha record de 105 millones de toneladas y mantiene una posición mundial de privilegio en las exportaciones de cítricos, soja, café y maíz. Brasil también es el octavo productor mundial de acero y ya cuenta con una producción de crudo de un millón de barriles por día." "...a deuda pública, valorada por su banco Central en 360.000 millones de dólares y que equivale al 63% del PIB, y el aumento del paro o del empleo informal ensombrecen el porvenir de Brasil, que será determinante para el futuro de América Latina."

À pujança econômica corresponde uma escassa experiência democrática, “desde la dictadura militar esta es la primera oportunidad en que un presidente elegido de forma directa podrá pasar la banda presidencial a otro. También es la primera ocasión en que puede ser elegido un presidente de izquierda en Brasil desde la instauración de la república, en 1889.”

Lula, para os leitores de *La Vanguardia* é um ex-torneiro mecânico, que afirma “nunca olvidaré mi origen”. Ele é apresentado como um homem simples e carismático, “al que le faltan un dedo y la educación universitaria de sus contrincantes”. Sua vida é digna de telenovela, diz o jornal, “vivió la miseria en su niñez, fue trabajador metalúrgico en su juventud, dirigente sindical luego y ahora está a punto de ganar la presidencia...tuvo una infancia que se compara con un personaje de Dickens. Dias antes de nacer, el 27 de octubre de 1945 en Garanhuns (paupérrima población de Pernambuco), su padre abandonó el hogar familiar y sus siete hijos.” Os detalhes de sua vida, a viagem como tantos que migram para São Paulo, os primeiros empregos para ajudar a família a sobreviver vêm com muitos detalhes. A formação do Partido dos Trabalhadores apenas é um detalhe na vida de Lula.²

Viés da cobertura: a ótica do mercado

Ao lado da personagem Lula, a ênfase da cobertura é sobre a repercussão econômica da possível vitória do Partido dos Trabalhadores. No dia 6 de outubro, o jornal *El País*, em matéria de capa, estampa manchete sobre o lado econômico das eleições: “La Economía Mundial Pendiente de Brasil”. Evidentemente exagerada, a manchete e a matéria, desta vez assinada por enviado especial, procura enfatizar que não são apenas os países latino-americanos fronteiriços com o Brasil que aguardam com interesse os resultados das eleições: “a economía mundial – diz o texto – está pendiente do que ocorra no gigante da América Latina”. Descontados os excessos, nota-se na longa matéria da página dois sobre as eleições no Brasil uma preocupação com os aspectos econômicos da

² Ver Motta, Luiz Gonzaga e Berger, Christa, “Narrativa Jornalística: A história de Lula contada pelos jornais espanhóis”, mimeo, Barcelona, 2003. Neste artigo, tratamos particularmente da construção da figura de Lula da Silva como personagem de um enredo de contos na narrativa dos jornais espanhóis.

transição e com a incerteza – palavra que novamente percorre todo o texto – sobre o que viria a ocorrer com a vitória de Lula. Tudo isto revela com evidência que o Brasil passou a ser notícia por causa de sua estratégica posição econômica no mundo de hoje, especialmente a partir de uma visão de quem torce para a rentabilidade das inversões. Ou seja, as eleições no Brasil ocuparam as páginas dos grandes jornais e revistas do mundo não apenas pela curiosidade despertada pela eleição de um operário para presidente da República, mas, principalmente, porque quem investiu muito no país quer retorno seguro. Mais ainda, fica claro pelas ênfases dadas às manchetes e aos textos, que o jornal está advertindo seus leitores sobre o que poderá vir a ocorrer no Brasil, como se quisessem dizer-lhes “acautelem-se”.

Um dia depois das eleições, já conhecida a vitória eleitoral de Lula no primeiro turno, a seção de economia do *El País* trazia matéria que confirma esta perspectiva da cobertura, com a seguinte manchete que ocupava toda a página: “Los Mercados Mundiales Calibram Hoy el Triunfo de Lula en las Elecciones de Brasil”. Ou seja, a repercussão principal das eleições não era política, mas econômica. Diz o texto, produzido em Madrid, que os mercados bursáteis de todo o mundo tinham, naquele dia, um encontro com o Brasil, a primeira economia latino-americana e a nona do mundo. E prossegue afirmando que os bancos de negócios e os investidores estavam procurando assimilar a vitória do candidato da esquerda. Citamos textualmente o trecho em que a matéria discute se Lula ganharia no primeiro ou no segundo turno, para que fique claro o ponto de vista da notícia: “muitos banqueiros preferem, entre dois males, a vitória no segundo turno, já que isto evitaria um claro mandato de mudança política.” Segue-se uma frase de um banqueiro para legitimar o texto jornalístico: “uma segunda eleição exigirá mais moderação e fará com que Lula busque votos do centro. Ele se verá estimulado, quando não obrigado, a fazer alianças que comprometerão mais sua política”. Comenta com autoridade o autor da matéria que quem determinou a alta do dólar durante o ano de 2001 não foi a política macroeconômica, mas precisamente a previsão de uma vitória política de Lula, e conclui: o mercado se orientou a impor a sua própria profecia, que o Brasil caminhava para o precipício. Para leigos, a matéria jornalística estava dizendo sem rodeios, ainda que de forma elegante, que caminhar para a esquerda é caminhar para o abismo. É bem verdade que esta matéria, muito bem escrita, muito bem informada e ilustrada discutia mais adiante a infantilidade da aposta dos banqueiros e investidores internacionais con-

tra um candidato unanimemente previsto como vencedor. Citando o presidente do Banco Central Armínio Fraga e o economista John Williamson, o texto procura mostrar a irracionalidade dos que apostavam contra, pois estariam criando uma situação artificial de estrangulamento do país, que reverteria em prejuízos econômicos ainda maiores. Além de entrevistas com banqueiros investidores no Brasil (especialmente do Banco Santander, hoje o quarto grupo privado bancário que opera no país), a matéria traz um box de pé de página onde revela as inversões espanholas no Brasil nos últimos anos. Segundo o lide, o Brasil tem sido um ímã para as empresas espanholas, que inverteram 50 bilhões de euros no país entre 1998 e 2001 (Banco Santander, Telefônica, Gás Natural, BBVA, Endesa e outras empresas), um quarto de todas as inversões espanholas no exterior.

No dia seguinte, terça-feira 8 de outubro, o jornal *El País* continuou repercutindo o resultado do primeiro turno das eleições brasileiras, sempre em sua editoria de economia. Neste dia, o jornal trazia matéria de página inteira do seu correspondente no Rio de Janeiro e enfatizava a pressão dos banqueiros e investidores para que os candidatos ao segundo turno das eleições adiantassem nomes e detalhes concretos de suas políticas monetárias. Na verdade, através dos jornais, os investidores cobravam estas medidas do candidato Lula da Silva, já que uma eventual vitória de José Serra significaria a continuidade da política econômica já conhecida. No interior da notícia o jornal explica que o chamado “custo da indefinição” já estava incorporado no alto valor do dólar naquele momento e deveria dar sinais de queda, que no entanto continuava a subir. Dizia o texto: “o mercado parece não estar conforme com essa garantia frente ao risco”, e sinalizava sobre a possibilidade do dólar continuar subindo até o segundo turno, espalhando especulação e inquietude.

Este tema, que a nosso ver deveria ser a manchete porque revelaria a crueldade da especulação e a agressão a toda a nação, ficava escondido dentro do texto. No meio da notícia, o jornal reproduziu quatro gráficos ilustrativos da evolução das bolsas de valores do Brasil, da Espanha, da Alemanha e dos Estados Unidos desde o dia 26 de agosto até o dia 7 de outubro. Observando os gráficos, nota-se de imediato que a evolução das bolsas é exatamente igual nos quatro países, sem nenhuma diferença significativa. Isto quer dizer que a bolsa brasileira não havia caído em função de uma crise no Brasil, e sim que a queda representava a mesma tendência de outros países. No entanto, sem nenhuma explicação, o jornal apenas ilustra o texto com os gráficos, sem nenhum comentário sobre eles. A matéria, como outras notícias publicadas por este jornal em suas páginas

de economia, continuava a advertir sobre as dúvidas que prevaleciam nos “ambientes financeiros” sobre a capacidade de Lula para “fazer frente aos compromissos externos”. Abaixo, na mesma página, outra matéria “esclarecia” a questão na frase lapidar de um analista financeiro de Nova York que abria o texto: “os mercados estão se vingando do real porque o resultado, ainda que pendente, confirma seus temores de que Lula possa ser o próximo presidente do Brasil.” Frente à possibilidade de obter lucros menores e menos fáceis como estavam acostumados, os investidores vingavam-se sem escrúpulos. Produzida em Madri, a análise do *El País*, embora jornalística, é bastante clara na mensagem ao provável futuro presidente: “Os mercados bursáteis, segundo parece, continuarão botando lenha na fogueira – a subida do dólar encarece o serviço da dívida brasileira e aproxima o teórico cenário apocalíptico de uma suspensão de pagamentos – mas os analistas estimam que se Lula anunciar medidas de ajuste fiscal e nomear uma equipe econômica solvente, a situação pode virar muito rapidamente”. Melhor porta-voz da prepotência do mercado, impossível.

A repercussão econômica da possível vitória de Lula também é apontada e enfatizada na cobertura do *La Vanguardia*, “jamás una campaña presidencial ha tenido consecuencias financieras tan profundas... Durante la semana pasada, la divisa brasileña batió todos los récords a la baja, aunque en los últimos días se ha producido una palpable recuperación, motivada probablemente por la resignación de los mercados ante la inevitabilidad de la victoria de Lula.” O mercado resigna-se e teme. “En el fondo, lo que más temen los mercados es que Lula declare una moratoria en el pago de la deuda externa, cuando no una suspensión de pagos pura y simple, a la manera argentina.” O jornal mostra, também, as diferenças com a Argentina. “Tales temores son en gran parte infundados, al menos por tres razones. En primer lugar, Brasil es una gran potencia exportadora, que, a diferencia de Argentina, no se ha visto sometida a la paridad fija de su divisa con el dólar. En segundo lugar, el sistema financiero brasileño es, sin lugar a dudas, mucho más sólido que el argentino. Por último, la deuda brasileña a corto plazo es en gran medida asumible por los inversores locales, aunque sea pagando una prima adicional.”

Na verdade, o jornal ameniza as ameaças e pressões econômicas e arrefece aos comentários de outros órgãos da imprensa internacional: “En la medida que los agentes económicos comienzan a conformarse o resignarse con el eventual triunfo de Lula, y el Banco Central sigue interviniendo en la tasa de cambio, los mercados recobran lentamente la calma.Por ahora hay calma, porque los mercados ya están digiriendo

la presidencia de Lula. Roberto Setúbal, presidente de Itaú, el mayor banco de Brasil, dijo que Lula puede hacer un buen gobierno...Desde sectores financieros y políticos internacionales llegaron versiones envenenadas y presiones de todo calibre. Desde el "lulómetro" utilizado por los calificadores de riesgo para medir el terror financiero al crecimiento de Lula hasta las amenazas más o menos veladas originadas en Washington, donde la derecha radical lo ha calificado como una especie de Saddam Hussein tropical."

O jornal não é apenas um agente de informação, ele claramente participa, especula, confronta, convoca, expõe e dimensiona as consequências desta vitória. Após a confirmação de que Lula não ganhou no primeiro turno, o jornal disse: "los mercados financieros no recibieron con buen humor la celebración de la segunda vuelta. La bolsa cayó más de un 3% y el real volvió a devaluarse. Pese a que Serra es el favorito del mundo económico, la prolongación de la campaña electoral tres semanas más añade inestabilidad. Esperar 20 días para conocer el nombre del presidente de Brasil sólo postergará la puesta en marcha de los planes que deberá impulsar el nuevo presidente cuando el inversor ya se había hecho a la idea de una victoria en primera vuelta de Lula que moderó su discurso." E no editorial, o argumento arredonda o enfoque da matéria sobre a preferência da vitória no primeiro turno: "lo mejor desde el punto de vista de la estabilidad financiera era que Lula se impusiera ya en la primera ronda. Sin embargo, no hay mal que por bien no venga: si bien es cierto que tres semanas son una eternidad en el actual panorama financiero, este lapso de tiempo puede ser utilizado por Lula para consolidar aún más su arduamente adquirida imagen de pragmatismo y moderación." É mais uma chance que os articulistas, repercutindo a opinião das instituições financeiras dão à Lula para ingressar na política desejada por eles. É o mercado quem determina a avaliação do jornal sobre a vitória no primeiro ou segundo turno. Para *La Vanguardia* melhor seria ganhar no primeiro turno para "estabilizar de una vez el mercado financiero e ayudar a fortalecer las alianzas para la hora de gobernar".

Mesmo enfatizando os aspectos econômicos e realizando a cobertura desde a ótica do mercado, os jornais *El País* e *La Vanguardia* contextualizaram e historicizaram a eleição. Já a cobertura do jornal *ABC*, realizada pela enviada especial Carmen de Carlos, teve um enfoque puramente economicista na perspectiva dos investimentos espanhóis. A ótica é exclusivamente a do mercado e não esconde o desapontamento desde os resultados das pesquisas favoráveis à Lula até o resultado final da apura-

ção dos votos. A cobertura desconsiderou aspectos sociais ou históricos do país e pautou-se, em todo o processo, nas repercussões financeiras da provável vitória do projeto da esquerda para a economia espanhola.

O *ABC* teve como ponto de partida de sua cobertura os investimentos espanhóis no Brasil. Os bancos (Santander, BBVA), as empresas de energia (Iberdrola, Endesa, Repsol YPF, Gás Natural), a empresa de telecomunicações (Telefónica) foram descritas através de muitos números – quantidade do investimento, número de empregados, empresas nacionais que os respectivos investidores adquiriram, ilustradas por esquemas e quadros. As fontes foram prioritariamente dirigentes espanhóis e o presidente do Banco Central do Brasil, Armínio Fraga, que foi apresentado como um técnico equilibrado que deveria permanecer à frente do Banco. “Armínio Fraga aboga por un trabajo en común del equipo económico actual y el nuevo”, é o título da matéria que traz a opinião “qualificada e serena” do presidente: “La situación se tranquilizará después de que el próximo presidente hable a la nación y aclare su línea de acción...Fraga admitió que las turbulencias financieras que hicieron desplomarse la Bolsa de Valores de São Paulo y depreciaron fuertemente la moneda brasileña en los últimos meses fueron causadas por cierto pesimismo del mercado ante las fuertes posibilidades de un triunfo de la izquierda en las urnas.” Frente à possibilidade, colocada pelo jornal, de continuar no posto, Fraga “aseguró que su permanencia al frente del Banco Central no es un elemento esencial para garantizar una tranquila transición política. El proceso de cambio de Gobierno es un tema institucional, y depende mucho más de que el país demuestre que seguirá en el camino del sentido común, afirmó.”

Os números apresentados sobre os investimentos espanhóis justificam ou explicam a preocupação expressa não só nos editoriais como nas matérias informativas: “El triunfo virtual del candidato del Partido de los Trabajadores, Lula da Silva, en las elecciones del próximo domingo ha demostrado hasta qué punto el miedo es soberano en los mercados de capitales. Más si cabe cuando la economía internacional languidece en múltiples heridas y cuando los efectos perniciosos de la situación argentina enardecen el espíritu más desconfiado de los inversores. Empresas como Telefónica o el SCH, y en menor medida Endesa, Iberdrola, Repsol o Gas Natural, han residenciado en Brasil su patria chica al amparo de inversiones billonarias que concentran gran parte de su negocio recurrente. Para estas compañías, la amenaza de Lula es una simple consecuencia de ese exceso de penalización con que suele manifestarse el riesgo político. El

capital tiene aversión al cambio y el candidato socialista ha dado suficiente pábulo para pensar que, en efecto, otro Brasil pueda ser posible.”

A vitória de Lula é apresentada como “una ruptura radical de la línea inaugurada a finales de los años ochenta del pasado siglo por Collor de Melo – cuya gestión quedó salpicada de oscuros casos de corrupción – , Franco y Cardoso. Una línea de modernización económica y armonización social que apenas ha dado unos resultados tangibles. De ahí el previsible triunfo electoral del candidato izquierdista. Lo cierto es que con él termina una época y vuelve, no comienza, otra. Ese es el reto que tendrá que asumir en los primeros días de su posible gobierno. A citação é longa, mas vale a pena reproduzi-la por ser ilustrativa da cobertura realizada por este jornal conservador: “El riesgo Lula, enorme riesgo para toda da região – y para España, debido a las fuertes inversiones económicas - , es la tentación del populismo nacionalista, vírus infinito que ha roto Iberoamérica a lo largo del siglo XX. Es el riesgo de decretar una letal suspensión de pagos al modelo argentino o, casi igual, una moratoria en el pago de la deuda externa; es el riesgo de enrocarse en los parámetros tortuosos de un rechazo a la sociedad de libre mercado sin plantear – no la hay - una política alternativa que puede alentar esperanzas al bienestar general de la sociedad brasileña”.

Além dos investimentos, o outro argumento que explica o tom amedrontado da cobertura, são as comparações com o acontecido em outros países. Argentina, em primeiro lugar, mas também Equador e Venezuela. “La información publicada ayer en estas páginas sobre el nivel de las inversiones españolas en Brasil, en particular de Telefónica y SCH, son causa suficiente para preocupar a todos los españoles por los resultados de las elecciones de domingo y su repercusión sobre nuestra economía. El gigante suramericano toma la vía abierta antes por Abdalá Bucaram en Ecuador y por Hugo Chávez en Venezuela. En ambos casos los primeros perjudicados fueron quienes les llevaron al poder y después los inversores. En Brasil pinta un escenario similar...” Pode-se perguntar: será que a situação brasileira preocupa igualmente todos os espanhóis, ou o jornal ao referir-se aos espanhóis se refere aos seus leitores – uma parcela de espanhóis, aqueles que se movem no mundo dos investimentos.

Como *El País* e *La Vanguardia*, também o *ABC* posicionou-se em relação a vitória no primeiro ou segundo turno. O que seria melhor, pergunta. Melhor para quem, podemos questionar. Para o mercado, evidentemente, dirá o jornal. A definição da eleição no primeiro turno seria o melhor, diz o *ABC*, para não prolongar a preocupação: “Incluso, sería

deseable que no hubiera segunda vuelta. Lo que ahora interesa es despejar definitivamente la incertidumbre y dejar que el futuro presidente de Brasil se encargue, con el tiempo y la fuerza de los hechos, de apaciguar los temores. En España, Lula no dá miedo, es simple precaución.” Na terça-feira, quando o jornal noticiou o resultado oficial, voltou à questão de que teria sido melhor que a eleição tivesse se resolvido no primeiro turno. “La bolsa brasileña y el real cotizaron ayer a la baja el resultado de las urnas. Los analistas aseguran que hubieran preferido un resultado definitivo que evitara tres semanas más de incertidumbre. Una vez que parece claro que va a mandar Lula da Silva, los mercados quieren saber la profundidad del ajuste fiscal y el perfil de su equipo económico...”

O jornal começou, também, a se resignar após a contagem dos votos, com o resultado, como o mercado já havia feito. “Lula podría significar, por fin, la irrupción de una izquierda moderada, pragmática y moderna – a la europea – necesaria, junto a una derecha no menos modernizada, para la regeneración no sólo económica, sino general de la vida brasileña.” Interessante observar que aos qualificativos moderada, pragmática e moderna, desta esquerda que não há mais como negar que venceu, seja acrescentada um – a la europea – para tornar assimilable, o diferente deve ter semelhanças com o já conhecido. A América Latina poderá ter chances de se tornar desenvolvida se se assemelhar à Europa, o outro será melhor se parecido a mim. O editorial deste dia, solicita explicações dos que considera responsáveis por esta vitória indesejável. “Otro debate es por qué Iberoamérica está girando hacia opciones izquierdistas o populistas. El FMI y los gobernantes de la última década tienen mucho que explicar. Las políticas neoliberales, imprescindibles para la modernización y el desarrollo del continente, se han aplicado de forma frívola. Los procesos de liberalización y privatización proveyeron a los Estados de una riqueza generalmente mal aprovechada. Y la población, que aguantó estoicamente los ajustes, no ha visto recompensado su sacrificio y el descreimiento se palpa en la opinión pública.”

A eleição brasileira nos três jornais teve igual presença física. Seus leitores tiveram muitas oportunidades de informação. O enfoque ou a tematização da eleição teve, entretanto, nuances significativas. Para *El País* a eleição situa-se no espectro da **incerteza** quanto aos seus desdobramentos, para *La Vanguardia* é **aposta** de reatualização de um projeto desacreditado e para o *ABC* a vitória de Lula é um **risco** para os investidores espanhóis e para o mercado internacional. Incerteza, aposta e risco. *Expectativa e medo. Brasil e Espanha. População brasileira e investidores espa-*

nhóis. Lula e Socialdemocracia. Brasileiros e mercado mundial. Antiglobalização e sociedade de livre mercado. É em torno destes pólos conflitivos e em oposição que as três coberturas foram construídas e os leitores espanhóis buscaram o sentido para a importância desta eleição no Brasil.

O resultado das pesquisas, o último debate na Rede Globo, a votação eletrônica, a inquietação em torno do dia da votação no Rio de Janeiro, o voto dos candidatos, o resultado e as alianças foram os principais fatos selecionados para serem notícia. Os três jornais consideraram apropriado posicionar-se em relação ao segundo turno. Mas, enquanto para *El País* e para *La Vanguardia* a vitória no primeiro turno tornaria mais fácil realizar alianças e garantir uma transição menos traumática, para o *ABC* acalmaria a bolsa de valores e tranquilizaria o mercado. Há muitas fotos que ilustram os textos e muitas se repetem nos três jornais: Lula no seu último comício em São Bernardo, Lula e sua mulher recebendo flores, Lula na cadeira do barbeiro, sempre Lula em primeiro plano.

Segundo turno: bem ou mal, a imprensa assimila Lula

Na semana do segundo turno a informação sobre a eleição no Brasil só apareceu nos jornais de sábado. A eleição brasileira e a vitória de Lula já tinham esgotado sua cota de noticiabilidade no primeiro turno. Além do mais, a tomada do teatro em Moscou pelos terroristas chechenos competia com o noticiário sobre as eleições brasileiras e as cenas dramáticas daquele evento ocupavam os espaços nobres dos informativos.

No *El País*, o tema das eleições brasileiras volta a ter atenção com ampla cobertura, comentários e reportagens, embora com menos ênfase do que no primeiro turno. Para José Serra, nenhuma atenção, todas as luzes estão voltadas para Luís Inácio Lula da Silva. Na segunda-feira, dia 28, a chamada de primeira página e o título da página 2 anunciam: "Lula arrasa con el 61.2% de los votos" enquanto reportagem da página 4 conta a história do novo presidente. Além dos números das urnas, o tom das matérias muda também, agora o destaque é para as alianças necessárias ao candidato do PT para consolidar a sua vitória no segundo turno. Há alguma atenção para outros assuntos, como a mobilização de tropas no Rio, as cifras gigantescas da eleição, as urnas eletrônicas (explicadas em infográficos) e a rápida apuração computadorizada, mas são pontuais.

O tema principal continua sendo Lula, agora em suas alianças e articulações em torno do pacto nacional pretendido (primeira página e

manchete da página 4 no dia 29, onde há ainda um artigo de Felipe Gonzales reproduzido no dia seguinte pela imprensa brasileira). O grande destaque deste jornal, entretanto, aparece alguns dias depois do anúncio dos resultados, em 3 de novembro. Neste dia, o caderno “Domingo” dá uma enorme foto colorida de Lula sorrindo, com os braços abertos, e dedica várias páginas ao Brasil. É uma espécie de reconhecimento do jornal à estrondosa vitória de Lula e sua apresentação “oficial” à sociedade espanhola como um fenômeno já suficientemente confrontado, e agora, finalmente compreendido. Em manchete, o jornal nomeia a vitória da “izquierda moderada” de “La Revolución de Octubre”: “la victoria de Lula en las elecciones presidenciales de Brasil supone el primer viraje hacia la izquierda que se registra en América Latina en dos décadas. El triunfo de un candidato socialista en una de las principales economías del mundo en desarrollo supone un desafío a la ortodoxia neoliberal y una esperanza para una región ávida de oportunidades y de igualdad”, diz o texto da capa do caderno. Uma matéria assinada por Norman Gall procura explicar a vitória do PT como o triunfo do simbolismo de tudo que mudou nos últimos anos no Brasil e dá a receita do que Lula deve fazer: 1) manter a estabilidade económica; 2) combater a violência e a insegurança pública; 3) ampliar e melhorar a educação. Um longo artigo assinado por Gabriel Guerra Castellanos analisa a democracia brasileira (a quarta do mundo), volta a falar em “izquierda moderada” e conclui: “Brasil busca su lugar en el mundo y también su propia identidad... La victoria de Lula tiene muchas lecturas y una de ellas es que con él ganó la idea de que tienen que existir alternativas al actual modelo económico (neoliberal) que impera en la región”. Este caderno especial parece encerrar o ciclo da cobertura sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2002. O fenômeno representado pela surpreendente vitória da esquerda (desde um ponto de vista ideológico, não eleitoral), o fato singular e inquietante das eleições brasileiras parecia estar agora explicado e assimilado jornalisticamente.

La Vanguardia trouxe no sábado o título: “Lula intenta rebajar las expectativas de los brasileños en vísperas de su esperada victoria”. Agora a notícia é a transição, os problemas que Lula vai enfrentar para governar. No domingo, dia da eleição, a chamada era “Brasil se dispone a elegir a Lula da Silva como presidente por una amplia mayoría. (El Partido de los Trabajadores modera el tono de sus propuestas ante la llegada al poder) e, a revista *Magazine* trouxe na capa uma foto de crianças com o título “El sueño de Brasil – así es la sociedad que ha creado un nuevo modelo para los países en desarrollo”. E nas 12 páginas internas a descri-

ção minuciosa de “el sueño de una globalización más humana”, ilustrada com a história de algumas famílias que demonstram a grande desigualdade existente no país e o que deverá mudar, a partir de agora.

Na segunda-feira, com apenas o resultado parcial (as cinco horas de diferença no fuso horário atrapalham a edição) a chamada de capa dizia: “Lula logra un triunfo histórico en Brasil” (faltavam ainda 9% dos votos para serem escrutinados) e a matéria interna com foto de Lula e José Dirceu, chama o presidente do partido de “cerebro detrás de Lula”, e descreve sua história e sua influência junto ao Lula em detalhes. “Dirceu será a partir del lunes el nuevo hombre fuerte de Brasil, el número dos del mayor país de América Latina. Alter ego de Lula, dirigirá el equipo de transición y por sus manos pasarán los temas más importantes. És más estratega que burócrata o político carismático. Operador hábil y respetado, para preparar la transición en las últimas dos semanas mantuvo contactos casi diarios con el presidente Cardoso.” Nesta edição, é apresentada a avaliação de Lula sobre a vitória. “Cuando se escriba esta historia – reconoció Lula – se dirá que el PT empezó a ganar estas elecciones en diciembre del 2001, en el congreso de Pernambuco. Aprobamos una política de alianzas, un programa y una campaña más profesional, dando optimismo y esperanza y no solo dando un diagnóstico de miseria y más miseria”.

Na terça-feira com o resultado já definido e divulgado nos telejornais, *La Vanguardia* informou na primeira página que “Lula promete un cambio tranquilo en Brasil”. Dedicou seu editorial a “Lula, la nueva vía”, que termina dizendo: “Atrapado entre la necesidad de atender a una población en la que hay 22 millones de hambrientos y la de satisfacer las exigencias financieras internacionales, los primeros mensajes de Lula, tras su triunfo electoral, dejan entrever que el futuro presidente de Brasil no se dejará llevar por la demagogia, sin olvidar su propósito de conseguir un país menos injusto. Si lo consigue, abrirá una nueva vía para toda Latinoamérica.”

A ênfase em uma transição tranqüila, a promessa de erradicar a fome (Lula dice que su mayor reto es que todos los brasileños coman tres veces al día) e de pôr em prática uma política de austeridade e controle da inflação, junto com os votos da comunidade internacional, “toda la comunidad internacional, incluido Bush, felicita a Lula por su victoria”, são as informações enunciadas neste último dia da amostra. A repercussão política, a esquerda no poder, o significado para as relações internacionais e o futuro da América Latina são o pano de fundo dos fatos narrados, por *La Vanguardia*.

Em o *ABC*, o Brasil voltou também apenas na edição de sábado em materia com o título "Brasil se prepara para encumbrar una utopía llamada Lula da Silva." O conservador jornal parece resignar-se com a vitória de Lula, "considerada un hecho consumado la victoria de Lula en las elecciones de mañana, el candidato del PT, prácticamente ejerce como presidente electo." Mas a voz principal que o jornal elege para orientar sua conformidade com a vitória, é o FMI. "El FMI ha pedido que después de las elecciones se hagan públicos los nombres que ocuparán el ministerio de Economía y el Banco Central, para evitar más convulsiones financieras. Sin embargo Luis Inácio Lula da Silva se niega." No domingo, o título era "Brasil celebra hoy elecciones con la única duda de por cuánto gana Lula." É um artigo do candidato, apresentado como o resumo do sonho que Lula persigue há 20 anos, o de ser presidente do Brasil.

Na segunda e terça-feira, os títulos só reafirmaram a vitória, "Lula se convirtió ayer en el presidente más votado de la historia de Brasil" e "Lula se compromete a honrar todos contratos firmados por el Gobierno de Brasil". E o tom é de alerta, em relação ao que poderá acontecer com os investimentos espanhóis, e "a los riesgos del populismo." É isto que afirma com ironia Horacio Vázquez-Rial: um modo de fazer e de viver a política na América Latina. "El populismo es Chávez, fue Menem. En su versión extrema de opereta, lo es Castro. No lo fue en cambio Salvador Allende, más parecido en su sentido común y su serena calidez al Cardoso que hoy empieza a irse de Brasil, y contra el cual, contra cuya figura y cuya proyecto de Estado, se montó la campaña de Lula. No sabemos qué va a hacer Lula, populista desde el nombre y cuyas primeras palabras para la prensa en cuanto se dio por hecha su victoria no se refirieron a sus planes inmediatos, sino a la lamentable ausencia de doña Lindu, neé Eurídice, su madre, fallecida hace vintidós años, y que se hubiera sentido muy orgullosa de ver a su hijo presidente."

Após elogiar o governo de Fernando Henrique Cardoso e compará-lo ao ex presidente chileno, o texto continua, "Por si no le sale igual, Lula ya tiene discurso justificatorio. Va a decir que no le dejan gobernar, que su vicepresidente de centro derecha no hace más que ponerle peros y que los yanquis ya se sabe. Lo cierto es que si el hombre no gobierna como es de desear, para la prosperidad de los brasileños, no será tanto por obra de sus enemigos supuestos como de sus propios partidarios, a quienes él no recomendó olvidar al Che Guevara. La conversión de un líder de sus características en hombre de Estado no es un proceso fácil. Tiene sin embargo, un terreno de juego suficiente: son muchas las cosas que se pueden

hacer sin que desembarquen los marines.” Para o jornal uma intervenção norte-americana no Brasil, como aconteceu em 1964, não é uma atitude condenável. Depende de como o novo presidente aceitar e assimilar as regras do mercado internacional.

Neste artigo de opinião, a imprensa também é criticada. “ Entretanto, hay prensa dispuesta a darle apoyo, como se lo dá a Chávez y se lo dió a Menem y aún a Bucaram con su karaoke. La misma prensa que guarda un llamativo silencio respecto de Álvaro Uribe y de su esfuerzo político y bélico, para acabar con las guerrillas, el narcotráfico y los paramilitares. Es cierto que Uribe es un tipo serio, sin alardes ni anecdótico, y que su lema no parece ser yankees go home.”

O jornal, que se advoga durante toda a cobertura em defensor do capital espanhol, do Fundo Monetário Internacional, pode defender um modelo econômico-político, fazer comparações, escolher um lado no confronto histórico, condição que não admite para a imprensa que faz outra avaliação e defende um ponto de vista diferente do seu. Neste mesmo dia, o jornal afirma: “El reducido pero selecto grupo de multinacionales españolas instaladas en Brasil están convencidas de que Lula, finalmente, moderará su agresivo discurso preelectoral.” Seria legítimo perguntar: quando o jornal moderará seu agressivo discurso de cobertura da eleição para com o novo presidente eleito?

Na terça-feira, o jornal suspira aliviado – “Las bolsas celebran con alzas el final de la incertidumbre del destino político de Brasil.” Novamente, as inversões espanholas são identificadas e a ênfase da matéria é a perspectiva de uma moderação no discurso do novo presidente e da aceitação financeira internacional desta vitória, inevitável, aliás.

Conclusão: O Brasil repõe a “esquerda” na pauta dos jornais

A cobertura da imprensa espanhola da eleição brasileira não teve as características das de outros países, como da Alemanha, França ou Turquia, que também celebraram eleições no período. A imprensa espanhola deu à eleição brasileira o lugar de um acontecimento histórico. Para o bem ou para o mal. Por ameaçar o mercado espanhol, por ameaçar criar uma crise econômica internacional, por questionar o neoliberalismo, por mostrar um outro modelo de gestão, por apresentar alternativa de governar, e esta alternativa servir de modelo. Essas possibilidades causavam insegurança e medo. Os jornais repercutiram estes sentimentos, recolhi-

dos entre suas fontes costumeiras – a voz do mercado, os investidores, os políticos tradicionais. E deram à eleição brasileira *uma cobertura épica – país gigante, povo heróico, um retirante chegando à presidência*. O Brasil que é moda na Europa pela sua música, seu futebol, sua caipirinha e seu carnaval (sintetizados na campanha publicitária que estava no ar para divulgar a guaraná por um longo período, pouco antes do início da campanha eleitoral), *botou a esquerda de novo na moda. Vestida de incertezas e temores, mas, também, espiando pelas bordas de algumas matérias e cruzando na contra-mão da cobertura hegemônica, esperança e aposta*.

Este exercício de compreensão sobre o lugar que a imprensa espanhola destinou ao Brasil durante seu processo eleitoral permite afirmar que a linha mestra da cobertura de todos os jornais centrou-se na figura de Lula, como se ele representasse o país. Sua história, seu carisma e suas posições políticas ora correspondiam a um imaginário mobilizável informativamente, ora o desafiavam. Os outros candidatos raramente foram mencionados, não mereceram nenhuma foto, nenhum título, nenhuma manchete. O processo eleitoral em si só foi breve notícia para apenas mencionar a novidade das urnas eletrônica. Neste sentido, especialmente no primeiro turno, a notícia era Lula, sua vida e seu significado, gerando manchetes indagadoras e nomeadoras, tipo “Mi nombre es Lula” ou “Esperando Lula”. Neste momento, Lula representava a ruptura da continuidade dos governos anteriores. Diante de sua inevitável vitória eleitoral, no segundo turno, as notícias passaram a girar em torno das alianças moderadas, sempre destacando a nova figura *light* de Lula. O ângulo da cobertura vai mudando, parecendo que os jornais, jornalistas e articulistas vão se resignando frente ao triunfo do “diferente”, gerando manchetes tipo “Los mercados calibram el triunfo de Lula” ou frases como “es irracional apostar contra”. Nos jornais, o novo nome de Lula passou a ser “Revolución de Octubre” ou “nova izquierda”, uma esquerda palatável, “a la européia”, que renunciava a “los dogmas y intransigencias”, chegando até a ser nomeado “la saludable alternancia de poder”.

Assim, os jornais expressaram-se desde o seu lugar de fala – em primeiro lugar, a Espanha, que investe grandes somas no Brasil, a Espanha que comemora 20 anos da eleição de Felipe González e que ingressa na pré-campanha de uma eleição presidencial em que a esquerda volta a ter projeção. Havia curiosidade pelo estranho, surpresa frente ao exótico, desejo de identificar alternativas. E a imprensa, naturalmente, se abastece nestes cardápios, servindo-os aos seus públicos. E, em segundo lugar, desde o contrato que cada um dos jornais tem com seus leitores: mais à

direita, mais à esquerda, mais conservadores, mais ou menos envolvidos. Para o conservador *ABC*, como vimos, a eleição de Lula é *um risco*; para o social-democrata *El País*, é *uma incerteza* comparado com o governo anterior; para *La Vanguardia*, surpreendentemente, é *uma aposta* que merece crédito. Contraditoriamente, às vezes de forma explícita, outras vezes apenas insinuando, a imprensa espanhola assumiu o papel de porta-voz dos interesses econômicos espanhóis. Havia medo e incerteza, havia ansiedade frente ao desconhecido. E a imprensa, naturalmente, cumpriu o seu papel de alertar, confrontar, medir e nomear. Tornar compreensível o que antes era tão diferente e ameaçador. Divulgar notícias é um ato informativo, mas traz consigo outras intenções e implicaturas da ação comunicativa. Ficou claro para nós durante a análise o papel que os jornais desempenham, muito além de informar: *eles identificam as ultrapassagens, previnem sobre as ameaças, medem para os seus públicos a extensão das discrepâncias, qualificam-nas, confrontam o invulgar com os padrões hegemônicos, avaliam e explicam para que a sociedade possa reagir e ajustar-se. Longe das inocências puramente informativas, ficou claro que a imprensa é ator ativo na criação e manuseio de significados, gerando fatos, priorizando, estabelecendo competências e transformando-se em agente do jogo político.*